

DIFERENCIAÇÃO E ESTEREOTIPIFICAÇÃO: LIBANESES NA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI

Aline Maria Thomé Arruda*

Resumo

O trabalho proposto analisará as formas de (re)afirmação e (re)construção identitária de uma etnia em uma situação de segmentação étnica específica. Trata-se do espaço de realização de atividades comerciais criado entre as cidades de Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, zona fronteiriça que une Brasil e Paraguai. O segmento étnico a ser analisado é o dos comerciantes de origem libanesa, bem como seus descendentes que desempenham a mesma atividade. São diversos os processos internos e externos à comunidade que buscam a (re)construção de uma identidade. Dentre esses, destacarei aqueles de ordem externa relacionados a estereótipos veiculados pela mídia a respeito de ligações com atividades terroristas e a forma como os brasileiros que vivem na fronteira vêem esses libaneses.

Palavras chave: Migrações Internacionais. Diáspora Libanesa. Identidades.

1 Introdução

O presente trabalho visa a levantar alguns pontos da migração de origem libanesa para o espaço multiétnico da tríplice fronteira Argentina-Brasil-Paraguai, com enfoque em especificidades desse grupo, tanto do que diz respeito ao país de origem quanto ao local onde se estabeleceram. Os dados apresentados são frutos de pesquisa de campo realizada nos meses de

* Doutoranda em Ciências Sociais da Universidade de Brasília, professora do curso de Relações Internacionais do UniCEUB. alinethome@yahoo.com.br

agosto e setembro de 2006, cujo primeiro resultado foi a dissertação de mestrado: “A presença libanesa em Foz do Iguaçu (Brasil) e Ciudad del Este (Paraguai)” (ARRUDA, 2007). A metodologia utilizada para coleta de dados foi entrevista em profundidade, realizada junto a migrantes e descendentes de 2ª e 3ª geração e com alguns brasileiros que possuem vínculos diretos com esse segmento étnico da população, e a observação participante em dinâmicas sociais públicas.

Parte-se da seguinte questão: de que modo processos externos ao grupo influenciam na formação de uma identidade? Tentar-se-á uma resposta por meio de dois tópicos expostos: pelas constantes acusações de terrorismo e pelas visões que os brasileiros têm sobre eles. Por um lado, notícias veiculadas pela mídia que os associam à imagem do terrorismo internacional, bem como a percepção de brasileiros que trabalham com eles, trazem à luz uma tensão. Há uma tentativa de inserção social no contexto brasileiro/paraguaio, bem como uma necessidade de convivência, geralmente por questões profissionais, mas há uma dificuldade de compreensão que inibe uma interação que ultrapasse os limites das relações profissionais.

O trabalho é dividido em três partes. A primeira é uma rápida imersão teórica em conceitos usados no trabalho, tais como formação de identidades e transnacionalidade. A segunda refere-se à apresentação desses imigrantes, enfocando especificidades do país de origem e a transfronteira que hoje os abriga. Em seguida, é exposta a importância de alguns processos externos para formação identitária da comunidade.

A chegada de estrangeiros a um determinado lugar, sempre leva à necessidade de refletir acerca da convivência entre os diferentes povos. Como bem explicita Cardoso de Oliveira (2000), situações de migrações são excelente oportunidade para reflexões acerca de identidade, etnicidade e nacionalidade, para investigações estratégicas capazes “de elucidar os

mecanismos de identificação pelos outros, tanto quanto os de auto-identificação, não obstante esta ser reflexo daquela” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000, p. 8-9). Ribeiro (2000a, p. 43) afirma algo semelhante com relação a espaços etnicamente segmentados. Neles, dois elementos são fundamentais para a (re)construção de identidades: o cotidiano e a convivência com representantes de outras identidades. O cotidiano e a rotina são fundamentais para a formação das subjetividades e das “consciências práticas discursivas”. Isso se desenvolve na convivência, em redes sociais, em universos como os “do grupo doméstico, da educação formal e do trabalho, universos que ocupam a maior parte do tempo da maioria dos atores sociais das sociedades modernas” (RIBEIRO, 2000a, 44). O segundo elemento importante é a formação de identidade em

co-presença com representantes de outras identidades [...] Quanto maior for a segmentação étnica, maior a fragmentação provocada pelo sistema interétnico e maior a importância dos processos vinculados a essa situação no cotidiano dos agentes” (RIBEIRO, 2000a, 44).

Isto é, quanto maior for o contato com grupos que possuam hábitos, religião, percepções diferentes das suas, maior a tendência dos diferentes segmentos se reafirmarem como um grupo de pessoas que tenham características semelhantes. É importante frisar que, no espaço a ser analisado nesta pesquisa, além da situação de convivência interétnica ser favorecida pela grande quantidade de migrantes presentes na região, há, também, outro fator que propicia esse contato diário com a diversidade, pois se trata de uma situação de fronteira urbana entre três países.

Na tríplice fronteira Argentina, Brasil, Paraguai, ocorre, também, outro fenômeno comum à situação de migrações internacionais, aquilo que Cardoso de Oliveira (2000, p. 9) chamou de “etnização de identidades nacionais”. Conforme já mencionado, grande parte dos migrantes considerados do segmento árabe é de origem libanesa. Internamente a este

segmento, existem diferenciações que incluem a região de origem no Líbano e o contraste com representantes de outros países, como a Palestina. De qualquer forma, para a população paraguaia e brasileira são conhecidos como “árabes” e, muito freqüentemente, como “turcos”. A primeira denominação é aceita com facilidade, eles não se importam de serem chamados de árabes, em detrimento do fato de serem libaneses ou palestinos. Já a segunda denominação não é tão aceita, por ser um termo, em certa medida, pejorativo. Porém, isso é relevado pelos imigrantes e seus descendentes, por crerem que, não necessariamente, o termo seja usado com objetivo de ofender, e, sim, por ignorância ou, ainda, por ser uma forma de categorização já cristalizada entre a população local. Há uma resistência ao termo “turco”, não apenas na colônia árabe dessa fronteira, mas em outras localizadas em partes diversas do Brasil. Foram chamados de turcos desde o início da imigração maciça dos povos do Oriente Médio, pelo fato de grande parte deles ter chegado com passaporte turco, pois, nessa época, os territórios, que hoje pertencem à Síria e ao Líbano, estavam sob domínio da Turquia (TRUZZI, 1991).

É importante perceber que as migrações internacionais contemporâneas são parte de um processo mais profundo de interação entre diversas partes do mundo, em especial, quando se trata de populações diaspóricas como à que me atenho. Nela, há uma modificação das relações de espaço e de tempo que tornam o ambiente mais propício à condição da transnacionalidade, conforme a denominou Ribeiro (2000b).

É difícil tratar a temática da convivência interétnica por concepções essencialistas de cultura e de identidade, dado que as “trocas culturais” são inevitáveis e não é possível definir um processo dinâmico por conceitos que parecem dar a ele uma condição estática, conforme afirmaram as autoras acima mencionadas. Estamos em uma época na qual há uma compressão do espaço tempo cada vez maior, acentuada por meio de diversos recursos tecnológicos, como o telefone, a televisão, a internet, além do

desenvolvimento dos transportes internacionais. Por esses e por outros fatores, a condição da transnacionalidade intensificou-se facilitando, real ou virtualmente, o “estar aqui e estar lá”, proporcionando, ainda mais, a dificuldade de definir o pertencimento a uma determinada nação ou a outra, no caso dos “transmigrantes”.

2 O segmento libanês em Foz do Iguaçu e em Ciudad del Este

O segmento libanês é um dos mais evidentes e representativos no contexto social de Foz do Iguaçu e de Ciudad del Este, tanto pelo vínculo que tem com o crescimento e desenvolvimento do espaço comercial da região quanto pelo seu tamanho e pela forte relação que estabelece com seu país de origem e com outros do Oriente Médio. Para que sejam melhor explicitadas, nos tópicos seguintes, as formas de (re)afirmação e (re) construção identitária do grupo, faz-se necessária a apresentação de um breve histórico e de algumas características importantes dessa comunidade.

Os primeiros libaneses chegaram ao lado brasileiro e, somente anos mais tarde, estabeleceram seus comércios no Paraguai. Não existem dados oficiais ou uma certeza a respeito da data exata de chegada dos primeiros imigrantes dessa origem na cidade. Porém, especula-se, e a literatura reconhece a vinda dos primeiros mascates, por volta da década de 1940 e 1950, vendendo produtos aos militares que habitavam a região. A quantidade maior veio, de fato, após os acordos firmados entre os governos para a construção da Ponte da Amizade. Estavam interessados em vender produtos brasileiros no Paraguai, no início dos anos 1960. Muitos mascates que rondavam o interior de São Paulo e do Paraná estenderam suas viagens para as proximidades da fronteira e, vendo o potencial de crescimento da cidade, começaram a estabelecer lojas fixas na região.

Os primeiros estabelecimentos de libaneses, em Foz do Iguaçu, eram normalmente vinculados ao setor têxtil, de conformidade à tendência de outros grupos de imigrantes de mesma origem, em outras partes do Brasil (TRUZZI, 1991; GATTAZ, 2005). Esses dados coincidem com depoimentos de alguns dos meus entrevistados, dentre os mais antigos que até hoje atuam no setor e outros mais jovens, descendentes, que mencionavam seus pais ou avós como possuidores de lojas de roupas e de artigos relacionados à confecção. Após vários incentivos governamentais paraguaios para a entrada e revenda de produtos importados, no final da década de 60, os primeiros libaneses cruzaram a fronteira, abrindo, inicialmente, importadoras e exportadoras dos mais diversos produtos. Segundo Rabossi (2005, p. 9), essa é uma tendência de outras fronteiras da América Latina.

Um traço importante de vários fluxos migratórios, nas mais diversas partes do mundo, é a constituição de “redes sociais” que têm a função de ligar o país, em alguns casos, até a região de origem dos migrantes, com o país e a região em que se estabelecem. A informação de B., que diz respeito à maioria dos libaneses que habitam a fronteira, desde a década de cinquenta até os dias atuais, serem nascidos ou descendentes de migrantes vindos das vilas Baaloul e Lala, no Vale do Bekaa, coincide com as observações que pude fazer. Ambas as vilas, muito próximas uma da outra, estão em uma região do Líbano de maioria muçulmana, em que habitam populações tanto Xiitas como Sunitas¹. Dos meus 17 entrevistados, donos de comércio de origem libanesa, 14 tinham suas origens nessas vilas, e vários tinham parentes que moravam lá ou que já haviam residido no Brasil e depois retornado. Das três exceções do grupo, dois eram originários de cidades do norte do Líbano de maioria cristã. Um era Maronita da cidade de Kobayate e o outro Ortodoxo de Akar; a terceira entrevistada era uma senhora Xiita, nascida em uma pequena vila no Sul do Líbano. Do grupo majoritário, pude

¹ Xiitas e Sunitas são duas das principais subdivisões da religião muçulmana.

ouvir algumas histórias de famílias que se conheceram no Líbano, vieram separadas para o Brasil e se reencontraram, anos mais tarde, em Foz do Iguaçu, após terem circulado pelo interior de São Paulo e do Paraná. Ouvi, também, as tradicionais histórias de vinda, primeiramente, de um membro da família e, posteriormente, de irmãos, primos e amigos, dentre outros.

O terceiro ponto de extrema relevância para compreensão dessa comunidade é a religião. A maior parte de seus integrantes é de religião ou tradição muçulmana. A região do Líbano de onde advêm é de maioria religiosa islâmica, e isso se reflete, diretamente, na comunidade da fronteira. Estima-se que 95% são muçulmanos, sendo a maior parte deles xiitas (RABOSSI, 2005, p. 15; SILVA, 2006, p. 7). Foz do Iguaçu possui duas mesquitas, ambas localizadas no bairro Jardim Central, onde reside a maior parte dos libaneses que atuam no comércio brasileiro e paraguaio. O “Centro Cultural Islâmico” ou mesquita “Omar Ibn Al-Khatab”, inaugurada em 1983, é freqüentada pelos sunitas, e a “Sociedade Beneficente Islâmica”, pelos xiitas². Apesar de a comunidade sunita ser menor, sua mesquita é maior e construída em moldes tradicionais e, segundo alguns diretores da mesma, foi por muitos anos a maior da América Latina. É o quinto ponto turístico mais visitado de Foz do Iguaçu (FOZ DO IGUAÇU, 2006). Já a mesquita xiita é localizada em um prédio comercial e não tem a mesma notoriedade, na cidade, que a sunita. Em Ciudad del Este, encontra-se a mesquita Profeta Mohammad, inaugurada em meados dos anos 90. Localiza-se em algumas salas de um edifício comercial, a algumas quadras do microcentro. Foi construída por iniciativa de um comerciante local e possui caráter mais privado e individual (RABOSSI, 2005, p. 15). Segundo alguns de meus interlocutores, essa mesquita é, geralmente, freqüentada pelos donos de

² Maiores detalhes sobre a institucionalização das duas mesquitas e dos vínculos de seus membros com eventos e instituições do Oriente Médio serão dados mais adiante.

comércio na cidade que não têm tempo de voltar a Foz para fazer as orações diárias e, especialmente, às sextas-feiras, no horário do almoço, para a oração obrigatória da semana. Esse ponto, referente à maioria religiosa muçulmana, possui uma íntima relação com os hábitos e tradições diferenciados dos libaneses nessa fronteira. Isso contribui para o distanciamento da população local e dos outros grupos étnicos que habitam a mesma região. O segundo tópico do trabalho mostrará melhor esse tema.

Estereótipos são o que de mais freqüente se associa ao comércio dessa fronteira. Criam-se “visões de um lugar maldito”, no dizer de Rabossi (2004, p. 21-29). É um local sobre o qual se diz concentrar a maior parte dos problemas relacionados a ilícitos internacionais da atualidade, tais como contrabando, lavagem de dinheiro, tráfico de pessoas, tráfico de drogas, pirataria, máfias internacionais, prostituição infantil, financiamento de atividades terroristas internacionais e vários outros. Termos pesados como “terra sem lei” ou “ânus do mundo” já foram usados para definir o local. Especialmente no trabalho de Ortíz (2003), que enfoca as imagens da Tríplice Fronteira veiculadas na mídia, vemos a intensidade da propaganda negativa sobre Ciudad del Este. Rabossi (2004) faz uma importante observação: defende que um trabalho acadêmico que envolva pesquisa de campo, que considere o ponto de vista dos atores e que busque uma compreensão de dentro do comércio daquela área permite a percepção de que essas visões são apenas uma faceta de uma dinâmica muito mais complexa.

De todas as suspeitas que caracterizam esse “lugar maldito”, as mais graves que remetem, imediatamente, à colônia árabe, no senso comum e na mídia, são as relativas ao envolvimento com atividades terroristas internacionais. Essas suspeitas são antigas, mas vieram a ter um plano de destaque muito maior após os atentados de 11 de setembro de 2001. A partir desse momento, o governo norte-americano declarou o combate ao terrorismo, como prioritário em sua agenda internacional. A área da Tríplice

Fronteira, por conter uma importante concentração de imigrantes de origem árabe muçulmana e por vincular-se a atividades comerciais com grande rentabilidade financeira, passou a ser, automaticamente, tomada como suspeita de ter ligações (especialmente de financiamento) com o terrorismo internacional. Porém, nunca ficou comprovada, de fato, uma relação desses imigrantes com esse tipo de atividade.

3 Estereótipos veiculados pela mídia

Em um ambiente marcado por atividades ilícitas internacionais, tais como tráfico, contrabando, lavagem de dinheiro, dentre outras, são, também, os membros da comunidade árabe alvos de seguidos ataques da mídia e da opinião pública. Além da associação dos muçulmanos, em grande parte do mundo, aos atos terroristas internacionais, potencializados pelo “11 de Setembro”, na tríplice fronteira, o estereótipo do terrorista tem, ainda, como fator agravante, as constantes suspeitas oficiais, em especial, por parte do governo norte-americano, de ali haver células terroristas e de financiamento de organizações extremistas do Oriente Médio.

O objetivo principal do presente tópico é demonstrar a forma como essas conjecturas atingem a comunidade libanesa na Tríplice Fronteira e como se responde a tais acusações que interferem, constantemente, nas suas vidas.

“Aqui, todo mundo só trabalha”; “O que é terrorismo? Se invadirem sua casa, você não vai fazer nada?”; “Isso é coisa dos EUA, os brasileiros não fazem isso”; “Aqui, estamos protegidos, até o governo nos apóia, considera um partido político, uma resistência”; “Não há como controlar o dinheiro que enviam e pra quem”. Essas, dentre outras similares, são respostas encontradas nos depoimentos dos entrevistados, quando questionados sobre como conviviam com as constantes suspeitas e acusações

que recaíam sobre eles. É possível perceber que os argumentos vão desde a defesa da imigração por questões econômicas e pelas oportunidades de trabalho que têm na fronteira, passando pela relativização do que é considerado terrorismo, até à legitimidade e à legalidade da comunidade por ter respaldo do governo brasileiro a respeito de organizações como o Hezbollah³.

Adiante, será feito um pequeno histórico das principais acusações apresentadas pela mídia sobre o envolvimento do segmento libanês com as supracitadas atividades criminosas, no intuito de esclarecer melhor dois aspectos relacionados a isso: há quanto tempo tal situação faz parte do cotidiano do grupo; e o tipo de suspeitas que recaem sobre esse mesmo grupo. Em seguida, serão apresentadas reações de diversos indivíduos e líderes da comunidade diante das acusações e uma análise de como isso influencia na formação da identidade e no fortalecimento da comunidade na região. Por último, será explicitada a forma como libaneses usam ou omitem o envolvimento com atividades ilícitas de acordo com a conveniência, em determinadas situações, demonstrando, com isso, o aspecto ambíguo que envolve o fato de pertencerem ao Brasil ou ao Líbano, dependendo da situação ou até em uma mesma circunstância.

Apesar de o “11 de Setembro” ter sido um marco para a desconfiança, em âmbito global, acerca dos muçulmanos, em Foz do Iguaçu, ele, também, constituiu-se como fato importante, embora não tenha sido o primeiro atentado terrorista, no qual, os membros da comunidade árabe na Tríplice Fronteira foram acusados de estarem envolvidos.

³ O Hezbollah (Partido de Deus) é constantemente denominado, em matérias de jornais e revistas, como uma organização terrorista. Para o Governo Libanês é um dos muitos partidos políticos do país, tendo, inclusive, várias cadeiras no parlamento. Dado que as questões políticas no Líbano estão intimamente vinculadas às religiosas, o Hezbollah é o partido que representa os muçulmanos xiitas. O Governo Brasileiro, da mesma forma, o reconhece como um partido político

Na década de noventa, houve dois atentados a entidades israelitas na cidade de Buenos Aires, na Argentina. As suspeitas sobre as autorias destes recaíram, imediatamente, sobre árabes muçulmanos que viviam na Tríplice Fronteira. O primeiro deu-se contra a Embaixada de Israel, em 1992. Um carro bomba foi deixado em frente à sede diplomática e, ao explodir, matou 29 pessoas, deixando outras tantas feridas⁴. A segunda foi contra a Associação Mutual Israelita Argentina (AMIA), em 1994, que deixou 85 mortos e, mais uma vez, um grande número de feridos. (EL ATENTATADO..., 2008). Dadas as milenares desavenças entre árabes e judeus, os muçulmanos foram prontamente considerados responsáveis pelos ataques. Como a Tríplice Fronteira congrega as cidades mais próximas da capital Argentina, onde há uma grande quantidade de árabes, levantou-se a suspeita de alguns envolvidos residirem lá.

Em 2001, quando surgiram notícias acerca da possibilidade de campos de treinamento terroristas estarem instalados na região, foram lembradas, várias vezes, as suspeitas de envolvimento daquele grupo com os ataques na Argentina. Após essa data, várias notícias e especulações foram lançadas pela mídia. Inicialmente, relativas às bases concretas de entidades como a “Al Qaeda” e o “Hezbollah” e, posteriormente, sobre o financiamento de atividades terroristas internacionais, dada a grande circulação de dinheiro na região e o elevado número de libaneses donos de comércio em Ciudad Del Este.

Ainda que não existam provas concretas dos supracitados envoltimentos nem declarações oficiais do Governo Norte-Americano, as constantes suspeitas levantadas têm papel importante na formação identitária libanesa na Tríplice Fronteira. Quando questionados acerca do tema, e, por vezes, até mesmo quando não o são, é possível perceber um constante

⁴ <http://www.estadao.com.br/ultimas/mundo/noticias/2006/dez/15/19.htm> em 16/01/2007.

incômodo. Tal reação é uma resposta às acusações. Diante da diversidade dos entrevistados para esta pesquisa, com maior ou menor nível de instrução escolar, de engajamento em atividades políticas da colônia ou de indiferença acerca desse assunto, várias foram as reações, mas todos eram unânimes em querer manifestar sua opinião e, de alguma forma, sentiam-se atingidos pelas suspeitas.

Olha, vou falar uma coisa, na época criou uma apreensão, criou uma coisa, uma expectativa diferente. É... mas por outro lado foi bom, foi bom... porque todas as agências do mundo, todas as polícias, todos os tipos de investigação possíveis e imagináveis tiveram que vir à Foz do Iguaçu. 90% ilegalmente, veladamente. Nosso governo também foi muito presente aqui, fez um trabalho altamente profissional. E serviu pra acelerar, pra mostrar que a gente aqui não tem nada a esconder, não tem nada em Foz do Iguaçu. Entendeu? Então sobrou quem? Sobrou a mídia, pra ficar inventando... aí disseram, “Foz do Iguaçu tem terrorista, tem centro de treinamento de terrorista”, “tá bom, então mostra aonde é que tá!”; “ah, não, não achamos...” uê, tem que mostrar, é um negócio material, físico, tem que mostrar, mas não acharam “não, não, nós nunca falamos isso, Foz do Iguaçu financia, manda dinheiro”. Então é algo muito subjetivo, não tem como apalpar. Eu posso depositar uma fortuna no seu nome, e dizer que é seu. É um sistema muito frágil, o negócio ficou muito fino, frágil. Mas só que nós compactuamos com a posição do governo brasileiro, o que o nosso governo diz, repetimos, assinamos embaixo. (Ex-presidente da Associação Árabe do Brasil, do Clube União Árabe, ex-diretor de comunicação da Mesquita, dentre outros cargos expressivos da comunidade)

O depoimento acima apresenta pontos importantes por ser representativo do que pensam vários membros da liderança da comunidade e de pessoas que têm por hábito acompanhar o que é dito nos jornais e revistas.

Ainda que, em algum momento, sejam lembradas situações de discriminação ou preconceito por parte de nacionais dos países que os abrigam, na Tríplice Fronteira, afirmam os membros da comunidade libanesa

que são “bem recebidos”, que os povos brasileiro e paraguaio são “muito queridos” e os acolheram muito bem. Entendem os libaneses que, mesmo que os nacionais, brasileiros e paraguaios especialmente, usem denominações como “turcos” para se referirem a eles ainda nos dias atuais, tal acontece por uma questão de ignorância, de falta de conhecimento. Isso rapidamente é esclarecido, e não existem *conflitos ou desavenças por esse motivo*. O mesmo ocorre quando se referem à religião vinculada ao terrorismo internacional, é ignorância. Nenhum dos entrevistados disse ter-se sentido ofendido ou discriminado por brasileiros, apenas pelos “americanos”, “pelo Bush”. A entrevista a seguir, inclusive por seu próprio título, remete a um desconhecimento, por parte de brasileiros e paraguaios, com relação ao Hezbollah e à associação de muçulmanos ao terrorismo de maneira geral.

O objetivo, aqui, não é discutir se há envolvimento dos membros da comunidade libanesa ou não com o Hezbollah, dado que a própria condição deste, como grupo terrorista ou partido político, pode ser relativizada. A questão é a forma como tal situação faz parte da construção identitária do grupo. Por vezes, obriga-os a sentirem-se parte de conflitos e das dificuldades que envolvem o Oriente Médio, e não necessariamente da fronteira na qual vivem, da mesma forma que, em outros momentos, fazem questão de assumir sua nacionalidade brasileira, ou paraguaia, conforme a situação e a conveniência.

4 Como os “brasileiros” vêem os libaneses

A presente seção expõe algumas percepções de brasileiros que vivem na fronteira. Alguns são funcionários de empresários libaneses, outros mantêm negócios com árabes, outros, simplesmente, vivem em um espaço etnicamente segmentado e sabem da existência de um grande grupo de libaneses. Dois pontos destacam-se a respeito das impressões dos “brasileiros” sobre o segmento étnico analisado na pesquisa: o grande

poderio econômico dos empresários e as dificuldades no lidar entre os gêneros. Grandes lojas e galerias, em Foz do Iguaçu e Ciudad Del Este, são de donos de origem libanesa. Isso faz com que sejam reconhecidos como portadores de alto poder aquisitivo e relevante influência na cidade. Por outro lado, existe uma evidente e explícita relação conflituosa sobre a forma como homens árabes se portam com mulheres brasileiras e paraguaias. Adiante os dois temas serão explorados.

“Quem você veio estudar, os turcos? Eles têm muito dinheiro! Até quem trabalha pra eles ganha mais, eles pagam melhor. Eles não gostam que chamam eles assim não, né? Por quê?” (J. brasileiro, electricista que não mantém vínculos com libaneses). Essa observação de um brasileiro referente aos árabes em geral, que abrange também os libaneses, revela uma série de impressões acerca desse segmento étnico. Em primeiro lugar, a forma como são denominados de “turcos”, ainda que se saiba que o apelido não os agrada. A segunda é o poderio econômico que grande parte deles exerce na cidade, isso faz com que o poder de influência de outros árabes, ainda que não tenham o mesmo poder aquisitivo, seja grande. A terceira é a distância e o desconhecimento em relação aos libaneses, que, há tanto tempo, vivem com brasileiros na fronteira, mas não necessariamente têm uma convivência com eles.

Uma das conclusões das análises de dados da pesquisa foi a de que, apesar de não serem muitos, proporcionalmente ao total da população brasileira, os muçulmanos exercem um forte poder econômico. Minhas conclusões coincidem com as de Espínola, segundo as quais se tratava de um grupo “pequeno em números, mas bastante ativo nas camadas superiores da população” (ESPÍNOLA, 2005, p. 73). De fato, na fronteira o quadro não é diferente, ainda que não se tenham dados concretos sobre os números de libaneses, donos de comércio, ou da mesma origem, sobre os muçulmanos,

também proprietários de uma grande quantidade de estabelecimentos e reconhecidos como poderosos, economicamente, nas cidades.

Tive oportunidade de conhecer e conviver com alguns brasileiros, funcionários das lojas de libaneses, e suas percepções acerca dos padrões trazem dados interessantes sobre a percepção da população a respeito da colônia na cidade. Ademais, tive acesso a alguns empresários e funcionários autônomos que prestavam serviços ou mantinham negócios com libaneses. Suas considerações também são de grande relevância.

- O primeiro ponto levantado por essas pessoas é a questão do valor da “amizade” e da “confiança” nas relações estabelecidas com libaneses. Independente das diferenças de crenças religiosas, hábitos culturais, dentre outras que podem causar divergências, no momento em que adquirem e depositam confiança, esses fatores não têm mais tanta importância, e uma boa relação estabelece-se. Quando fui apresentada à família xiita, dona do açougue árabe, pelo brasileiro P.C., dono de uma imobiliária, peguei alguns livros a respeito das mulheres no islã com a esposa. No momento em que P.C. viu que eu tinha objetos emprestados, pediu-me: *“Pelo amor de Deus, não deixa de devolver esses livros porque eu tenho muito negócio com eles”*. Percebe-se a apreensão para que não se perca a confiança estabelecida entre eles e, conseqüentemente, não se percam os negócios.

Não é algo considerado fácil relacionar-se com libaneses, porém, a “confiança” permite que isso ocorra de maneira livre. Vistos como “desconfiados”, de uma maneira geral, é de grande valor que essa relação se mantenha firme. É grande a importância que dão conseguirem “adentrar o

mundo” desses, que na concepção de brasileiros, possuem elevado poder econômico, capazes de pagar melhor por serviços prestados.

Importante é ressaltar que essas relações não costumam extrapolar o universo profissional, estendendo-se apenas a alguns eventos sociais para os quais são, esporadicamente, convidados por uma questão de cortesia, tais como casamentos e confraternizações de final de ano. Conforme afirmou Rabossi (2004), as relações interétnicas, em Ciudad Del Este (e também em Foz do Iguaçu), dão-se, cotidianamente, em âmbito profissional, o que não necessariamente significa que ultrapassem o momento em que fecham seus comércios ou terminam suas negociações profissionais. “*Eles são bem amigos, mas são difíceis demais, atrasados demais, muito ignorantes*”, disse um dos entrevistados.

Ao chegar em campo, as questões de gênero foram as primeiras que me pareceram conflituosas entre a população de brasileiros de Foz do Iguaçu e os árabes que viviam na fronteira. As percepções de diferenças entre brasileiros e libaneses faziam com que as relações entre homens e mulheres dos dois grupos, especialmente de homens libaneses com mulheres brasileiras, fossem evidentemente conflituosas. “Não é que eu tenha algo contra eles, mas não dá, eles não respeitam mulher dos outros!” Disse-me um jovem que trabalha em uma loja de eletrônicos, em Ciudad Del Este, e convive, diariamente, com vários libaneses.

A maior parte das vendedoras e funcionárias de lojas é brasileira ou paraguaia, e elas são, constantemente, assediadas por colegas, patrões, funcionários de lojas vizinhas e, até, por vendedores ambulantes na rua. Nem todos são libaneses ou de origem árabe, mas a prática é comum e constante nas ruas. Olhares, assobios, palavras e outros tipos de insinuações são constantes, especialmente nas ruas do Microcentro de Ciudad Del Este. Em Foz do Iguaçu, o assédio existe, mas é mais discreto, provavelmente pela

própria organização das ruas em bairros comerciais. As dinâmicas dessas relações e a forma como se dão são diferentes também. As restrições quanto ao comportamento dos homens libaneses em relação às mulheres brasileiras e paraguaias estendem-se às duas cidades. Contudo, a forma como se manifestam nos dois contextos também é diferente. No lado brasileiro, é mais velado, já no paraguaio, é bem evidente.

Esses rapazes chegam aqui com 19 anos, tudo virgem por causa daquela religião lá deles. Até então só tinham visto aquelas mulheres deles, tudo tampada. Quando chegam aqui e vêem as brasileiras, com essas roupas, todas comunicativas, andando pra lá e pra cá ficam doidos! (Pequeno empresário brasileiro)

De acordo com esse entrevistado, a realidade da convivência com mulheres jovens que vêm do Líbano para o Brasil muda completamente. Não é possível saber se há uma diferença tão grande de realidade na vivência de um país e de outro. No entanto, em razão das segmentações religiosas que fazem parte da realidade libanesa e de um grande número deles serem originários de pequenas vilas de maioria muçulmana, há grandes possibilidades de as mulheres se portarem em seus locais de origem de modo diferente daquelas com as quais convivem na fronteira. A vestimenta das muçulmanas, especialmente das xiitas, inclui não apenas o lenço que cobre os cabelos, mas também camisas folgadas que cubram os pulsos e o quadril, e saias longas abaixo do tornozelo. Como já dito, nem todas as muçulmanas se vestem assim, mas costumam ter um cuidado maior nesse sentido.

De fato, as brasileiras e paraguaias vestem-se de forma diferente, sem necessidade de esconder o corpo, podendo usar calças e blusas justas, saias curtas, dentre outras roupas. Além disso, entre os muçulmanos não há o hábito de longos diálogos entre homens e mulheres. A própria forma de cumprimento entre os sexos não costuma incluir nenhum contato físico. São hábitos definitivamente distintos dos quais dificilmente homens

muçulmanos estão imunes, quando vivem em um país de tradições diferentes das suas.

É importante ressaltar que há uma diferenciação entre gêneros com relação ao comportamento esperado. Os homens solteiros libaneses e descendentes têm determinadas liberdades não permitidas às mulheres solteiras da mesma origem, bem como possibilidades de convivência com outras mulheres, ainda que isso não seja muito bem aceito pela família.

Em determinada matéria, um repórter afirmou que muitos jovens homens, e especialmente seus pais, que frisaram saber do comportamento de seus filhos ao se relacionarem com mulheres brasileiras, restringiam essas manifestações a espaços públicos, por uma questão de “respeito às irmãs”. Ou seja, não era permitido que os jovens levassem as moças não muçulmanas às suas casas. Das mulheres que entrevistei, entre as solteiras, nenhuma tinha o hábito de freqüentar boates ou “sair com os amigos”. Como foi dito acima, sua vida social era exercida em visitas à casa de parentes ou amigas. Entre os pais que tinham filhas solteiras adolescentes e adultas, a percepção era a mesma, não podiam freqüentar a mesma diversidade de lugares que os filhos homens. Alguns pais relataram que sabiam que seus filhos namoravam e saiam com jovens brasileiras e paraguaias, mas não lhes era permitido levá-las às suas casas livremente. O argumento usado era o mesmo relatado na matéria, o respeito às irmãs mulheres que não tinham a mesma liberdade.

A opinião das brasileiras e de suas famílias com relação aos libaneses também era de reprovação a relacionamentos. Entre as famílias de brasileiros com as quais convivi, as que tinham contatos mais próximos, profissionais geralmente, com libaneses costumavam estar sempre atentos a “protegê-las”. Cuidavam para que esses relacionamentos não ultrapassassem os limites profissionais, temendo “as diferenças” e a forma como eles não

respeitavam mulheres de outras nacionalidades. Casamentos e namoros interétnicos obviamente ocorrem à medida que a comunidade permanece na fronteira em maior número. Todavia, como o próprio repórter relatou em sua matéria, esses não são a primeira opção de pais libaneses nem das famílias brasileiras.

Quando questionava alguns libaneses sobre o tema, demonstravam ter ciência desse estereótipo vinculado a eles, mas argumentavam não ser de fato assim, tendo como base os casamentos interétnicos. Sempre apontavam algum conhecido ou parente casado com brasileiras ou paraguaias.

O argumento principal é de que não há nacionalidade ou etnia que defina quem possui mais “respeito” com relação a mulheres ou que determine mulheres que “se dêem mais ao respeito”. Quando questionava, então, a respeito de namoros e casamentos interétnicos, poucos responderam indiferentes à origem ou religião das esposas e maridos de seus filhos e filhas. A maior parte se referia às diferenças de tradições e à dificuldade de convivência, por conta das diferenças de costumes, ainda que seus filhos fossem nascidos no Brasil e convivessem diariamente com nacionais deste país e dos outros na fronteira.

Das várias impressões de brasileiros acerca dos libaneses com quem, em maior ou menor medida, convivem na fronteira, discuti duas que ficam evidentes no contexto desse local. Questões relacionadas ao gênero e ao poderio econômico/necessidade de relacionar-se profissionalmente com libaneses são importantes e trazem à luz divergências e conflitos acerca dessa convivência.

5 Considerações finais

No que diz respeito ao conceito de transnacionalidade, que envolve uma atuação social e uma identidade formada, não apenas em um contexto, mas em múltiplos, o caso dos migrantes de origem libanesa, na fronteira Brasil-Paraguai, mostra-se um espaço privilegiado para reflexões nesse sentido.

No artigo apresentado, refletiu-se acerca de apenas um momento em que é possível fazer abstrações. Entretanto, vários outros permitiriam pensar sobre o mesmo tema. São freqüentes as manifestações públicas sobre conflitos no Oriente Médio, não apenas os que envolvem o Líbano, especificamente, a religião muçulmana e suas tradições, como fator diferenciador da religiosidade de embasamento cristão, majoritária na fronteira. Dentre outros fatores, é possível que se perceba uma identidade “trans” que os forma por meio das diferenciações com a comunidade local.

Entretanto, há momentos de necessidade de interação e de convivência pacífica, geralmente, propiciadas pela atuação do segmento em atividades comerciais. Existe nesse espaço comercial Ciudad Del Este/Foz do Iguaçu, também, uma tentativa de demonstrar a capacidade de boa convivência de vários segmentos étnicos que lá habitam. Ainda que haja fricções, tentativas de preservações culturais internas aos segmentos, o esforço maior é de buscar demonstrar a convivência pacífica possível, apesar de tantas fronteiras políticas e culturais.

Difference and stereotyping: Lebanese in Brazil's - Paraguay border

Abstract

The following work analyses some processes of identity (re)affirmation and (re)construction of an ethnic group in a specific segmented situation. We will talk about the ethnically segmented commercial

area; the Brazilian-Paraguayan frontier comprehended between the cities of Foz do Iguaçu and Ciudad Del Este. The ethnic group analyzed will be the Lebanese merchants, as well as their descendents involved on the same activity. There are many internal and external processes of identity (re)construction. We will detach the external ones, as stereotypes spread by media about community connection with terrorists activities and distorted perceptions from Brazilians about them.

Key words: International migrations. Lebanese diaspora. Identities.

Referências

BASCH, Linda; GLICK SCHILLER, Nina; SZANTON BLANC, Cristina. Theoretical Premisses. In: *Nations Unbound: transnational projects, postcolonial predicaments and deterritorialized Nation-States*. [S.l.: s.n.], 1994.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Os (des)caminhos da identidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, [S.l.], v. 15, n. 42, 2000.

_____. Nacionalidade e etnicidade em fronteiras. In: CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto; BAINES, Stephen (Org). Brasília: Universidade de Brasília, 2005.

EL ATENTADO de Amia. Buenos Aires, 2008. Disponível em: <<http://www.atentadodeamia.com.ar/>>. Acesso em: dia mês abreviado ano.

ESPINOLA, Cláudia Voigt *O véu que (des)cobre*: etnografia da comunidade árabe muçulmana em Florianópolis. Florianópolis, 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social)–Universidade Federal de Santa Catarina.

GATTAZ, André. *Do Líbano ao Brasil*: história oral de imigrantes. São Paulo: Gandalf, 2005.

JARDIM, Denise Fagundes. *Palestinos no Extremo Sul do Brasil*: identidade étnica e mecanismos sociais de produção da etnicidade- Chuí/RS. Rio de Janeiro: UFRJ; PPGAS; Museu Nacional, 2000. Tese de Doutorado.

JIMENEZ MARCANO, Elvia Elena. *La Construcción de espacios sociales transfronterizos entre Santa Elena de Uairen (Venezuela) y Villa Pacaraima*

(Brasil). Tese (Doutorado)-Programa de Pós-Graduação sobre América Latina e Caribe (Ceppac). Brasília, 1996.

MARTES, Ana Cristina Braga *Os imigrantes brasileiros e as igrejas em Massachussets*. In: *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999. p. 87-121.

ORTÍZ, César Pérez. *La triple Frontera Argentina/Brasil/Paraguai: uma aproximación a las representaciones periodísticas sobre un espacio sociocultural*. Brasília, 2003. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)-Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

PORTES, Alejandro; RUMBAUT, Rubén G. *Immigrant América: a portrait*. Los Angeles: University of Califórnia Press, 1990.

RABOSSI, Fernando. *Nas Ruas de Ciudad Del Este: vidas e vendas num mercado de fronteira*. Rio de Janeiro, 2004. Tese (Doutorado em Antropologia Social)-Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social.

_____. *São ou não são? Essa não é a questão: re-enfocando a presença árabe em Foz do Iguaçu e Ciudad Del Este*. AMAR, Paul; PINTO, Paulo Gabriel (Org.). *Middle East in Brazil*. Rio de Janeiro: UFF, [2005]. No prelo.

RIBEIRO, Gustavo Lins. *Empresas transnacionais: um grande projeto por dentro*. São Paulo: Marco Zero, 1995.

_____. Bichos-de-obra: fragmentação e reconstrução de identidades no sistema mundial. In: *Cultura e política no mundo contemporâneo: paisagens e passagens*. Brasília: Universidade de Brasília, 2000. p. 57-77.

_____. A condição da transnacionalidade. In: *Cultura e política no mundo contemporâneo: paisagens e passagens*. Brasília: Universidade de Brasília, 2000. p. 93-129.

_____. Other globalizations. Alter-native transnational agents. *Lecture in the University of Osaka*, Osaka, 18 Feb. 2005.

SILVA, Regina Coeli Machado e. *Reconstrução de identidades de imigrantes árabes em Foz do Iguaçu, desafios analíticos*. Goiânia, 2006. Trabalho apresentado na 25ª Reunião da Associação Brasileira de Antropologia (ABA).

SIMMEL, George. O Estrangeiro. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). *George Simmel: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. p. 182-188.

TRUZZI, Oswaldo M. S. *De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Sumaré; FAPESP; Brasília: CNPq, 1991. (Série Imigração, v. 2).

WOLF, Eric R. *Europe and the people without history*. Los Angeles: University of Califórnia Press, 1982.